



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1481

ECONOMIA DOMÉSTICA: O Desafio do Planejamento dos Gastos Familiares em Época de Crise

Franciele Henrique, Aluna do Curso de Graduação em Economia da UNESPAR/Apucarana, franciele_henrique@hotmail.com
Nathália Francine Cipriano Barbosa, Aluna do Curso de Graduação em Economia da UNESPAR/Apucarana, natfcb@hotmail.com
Ygor Mazali Honorato, Aluno do Curso de Graduação em Economia da UNESPAR/Apucarana, ygor.mazali@hotmail.com
Paulo Cruz Correia, Doutor em Economia pela UFRGS e professor da UNESPAR/Apucarana (orientador), correiapc@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar questões relacionadas ao perfil financeiro de pessoas com diferentes níveis de poder aquisitivo. Utilizando a Economia Doméstica como principal ferramenta, será analisado o conhecimento dos indivíduos em relação ao seu nível social e econômico, a fim de saber se as pessoas conhecem o seu poder de compra e fazem uso do controle financeiro em seu cotidiano. Ressalta-se a importância da educação financeira para a obtenção de bons resultados na economia pessoal e familiar, também será abordado no presente trabalho os meios pelos quais os indivíduos podem conhecer e praticar a economia doméstica. A metodologia utilizada foi por meio de aplicação de formulário de pesquisa, em três importantes colégios estaduais da cidade e município de Apucarana (PR), em 2014. Pela catalogação da pesquisa foi possível extrair e apresentar o conhecimento a cerca da economia doméstica para cinquenta e oito pessoas, de diferente poder aquisitivo, entre 23 e 62 anos. Foi possível observar uma crescente preocupação com a economia doméstica, embora esta seja um assunto ainda pouco estudado; a maioria dos estudos considera o perfil do consumidor e sua disposição ao consumo, como resposta para estratégias de *marketing* das empresas. Entretanto, especificamente em momentos de retração econômica o planejamento doméstico ganha importância e mais pessoas buscam conhecer os conceitos econômicos que lhes possam orientar a vencer os momentos de crise. Contudo, concluiu-se que 58%, aproximadamente das pessoas entrevistadas, não se planejam para o controle e realização de seus gastos.

Palavras-chave: Economia Doméstica; e, Planejamento Financeiro.

1. INTRODUÇÃO

A dificuldade do ser humano em lidar com suas finanças tem sido motivo de estudo para muitos economistas ao longo do tempo. FRANKENBERG (1999), fala sobre o problema do brasileiro em se relacionar com seu próprio dinheiro, isto pelas dificuldades vividas em tempos onde se observa altas taxas tributárias e inflação. Levando-se em consideração a desigualdade na retenção da riqueza no Brasil. O estudo “Justiça Tributária: Iniquidade e Desafios”, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) realizado em 2008, aponta que três quartos da riqueza existente no Brasil estão concentrados nas mãos de 10% da população.

Sendo a fartura de bens monetários o desejo de muitas pessoas nos dias atuais, levando em consideração que se vive em um sistema capitalista, este estudo tem como objetivo analisar, por meio de pesquisa de campo, questões relacionadas ao perfil financeiro de pessoas de diferentes níveis de poder aquisitivo, levando em consideração questões econômicas, sociais e o meio em que essas pessoas vivem, reforçadas com o auxílio de fontes teóricas aliadas ao conhecimento aplicado.

FRANKENBERG (1999), afirma que cada indivíduo é responsável pelo seu futuro financeiro, mesmo que a política e a macroeconomia tenham seu peso, a riqueza não é um sonho impossível, sendo assim, nos restam questionamentos sobre o porquê da existência de tanta desigualdade monetária, quais os fatores que contribuem e influenciam na formação econômica dos indivíduos e onde se está errando ao fazer o planejamento da vida financeira.

Tendo esses questionamentos com ponto de partida, este estudo se faz relevante, nos dias atuais para indicar luzes de como alcançar meios para controlar o orçamento familiar e pessoal, para que se entenda a Economia Doméstica e sua importância. Este trabalho está dividido em três seções além desta introdução. A seção dois apresenta a revisão teórica sobre as classes sociais econômicas e suas relações com consumo e investimentos. Na terceira seção, analisam-se os resultados da pesquisa. Por último, são apresentadas as considerações finais.

2. A ESTRATIFICAÇÃO DAS CLASSES SÓCIOECONÔMICAS

As classes sociais estão diretamente ligadas à forma metodológica em que a sociedade se organiza e se divide, é através dela que se podem diferenciar os padrões de vida dos indivíduos (LAKATOS, 2010). As classes sociais caracterizam a sociedade em grupos de acordo com as condições de vida, levando em consideração fatores como: escolaridade, renda, qualidade de vida, entre outros que influenciam diretamente na vida dos indivíduos (KAMAKURA e MAZZON, 2013).

Pode-se dizer que a sociedade está dividida entre a classe dominada e a classe dominante. A classe dominada está à margem da pobreza, sofre privações e dificuldades no acesso aos serviços básicos e está sujeita aos baixos níveis salariais. Já a classe dominante é composta por pessoas com um padrão de vida onde seus empregos, salários e níveis de consumo, estão muito além da subsistência. Levando em consideração que as classes econômicas estão relacionadas ao estilo de vida dos indivíduos; é importante que se analise as condições sociais para obter parâmetros econômicos já que a classificação socioeconômica estabelece para fins de análise uma estratificação da renda.

No Brasil as classes econômicas são divididas em sete categorias: A1, A2, B1, B2, C e D; sendo a classe **A** representando a classe mais alta; e, sendo a classe **D**, a classe mais baixa. Considerando o fator renda, a Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa – ABEP apresentou em 2011 os padrões econômicos que qualificam as classes de acordo com o nível de renda dentro da conjuntura econômica atual, sendo esse o parâmetro de classificação vigente até o ano atual, conforme apresentado na figura 1.

Figura 1 - Renda brasileira familiar por classes:

Classes	Renda média bruta familiar no mês em R\$
Classe A	9.263
Classe B1	5.241
Classe B2	2.654
Classe C1	1.685
Classe C2	1.147
Classe D	776

Fonte: ABEP, (2012).

2.1. RIQUEZA E CONSUMO NO BRASIL

Quando se fala em riqueza logo vem à mente a questão do poder aquisitivo, no Brasil a distribuição da renda está ligada diretamente a riqueza acumulada, para o escritor EKER (2006), a maioria das pessoas associa dinheiro ao prazer imediato, mais para ele o dinheiro deve ser acumulado para proporcionar liberdade.

Ao falar sobre a riqueza em seu livro “Os segredos da mente milionária”, o autor refuta a ideia de que a concentração da renda no país seja o único motivo para que haja desigualdade econômica. Porém, os fatores renda e bens materiais adquiridos pelo ser humano, ao longo da vida, através do consumo e da retenção de bens, são características indispensáveis para que um indivíduo se enquadre nos padrões de riqueza. Logo, conhecimento sobre investimentos é importante, porque investir em bens ativos e empreender pode ser a melhor forma de gerar riquezas.

2.2. EMPREENDEDORISMO E INVESTIMENTOS

O termo empreendedorismo foi utilizado por economistas a fim de explicar como a riqueza pode ser gerada a partir de inovações, SCHUMPETER, (1988) dizia que o empreendedorismo é desenvolvido pelos empresários inovadores e aos capitalistas competem financiar estes empreendimentos. Segundo BARON e SHANE (2007), o empreendedorismo é um processo que se dá a partir da geração de novas ideias, e da transformação de produtos e serviços em rentabilidade financeira.

Reconhecer a oportunidade de novos negócios também pode ser considerado uma característica empreendedora, pois a oportunidade é uma grande aliada na geração de valores econômicos. Para se tornar um empreendedor é indispensável o conhecimento sobre investimentos, pois atualmente acredita-se que a palavra investimento não é mais algo incomum entre os indivíduos, poupar e adquirir um bem durável é um investimento, fruto da disciplina financeira.

2.3. A IMPORTÂNCIA DO CONTROLE FINANCEIRO

Para a economia tanto em níveis empresariais quanto pessoais, ter uma boa visão de onde estão sendo empregadas as receitas adquiridas é um fator indispensável. O controle financeiro é uma ferramenta usada na economia doméstica para auxiliar na disciplina dos gastos.

Para as empresas são disponibilizadas ferramentas como: fluxo de caixa, DRE (Demonstração do resultado do exercício), controle de estoque, entre outras que auxiliam o empreendedor a obter informações importantes para o bom funcionamento de seus negócios e planejamento financeiro.

O controle pessoal torna-se relevante quando se quer obter bons resultados financeiro, por parte dos indivíduos, pois assim como as empresas, cada indivíduo e família em conjunto possuem despesas fixas, variáveis; e um rendimento mensal que deve suprir todas as suas necessidades.

Para fazer um controle financeiro que seja eficaz, o importante é que se saiba com exatidão o valor da receita e despesas mensais; e, não esquecer que o controle financeiro não é apenas ter anotado as despesas realizadas, pois o orçamento envolve: planejar, eleger prioridades e controlar.

3. RESULTADOS DA PESQUISA

A pesquisa de campo se deu através da aplicação de questionários a fim de abordar o perfil financeiro dos indivíduos mostrando através da pesquisa, os conhecimentos sobre a qual classe social eles pertencem; e, qual a importância dada aos cuidados com relação à Economia Doméstica. A pesquisa foi realizada em três colégios da rede pública de educação de Apucarana (PR); os entrevistados em maior número foram do Colégio Santo Dumont, como mostra a tabela a seguir:

Tabela 1 – Colégios, classes e alunos participantes da coleta de dados, 2015:

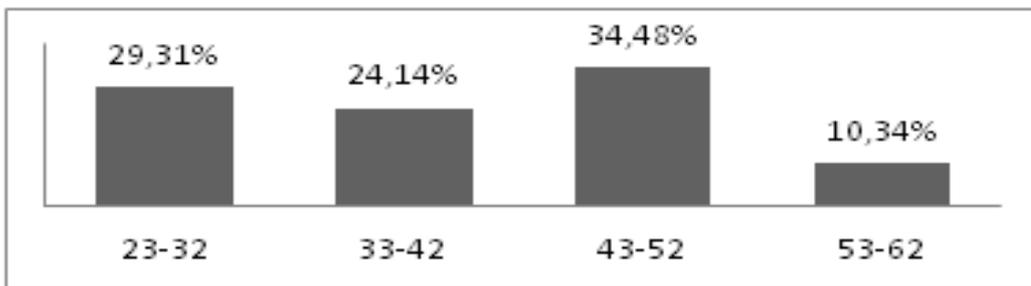
Colégios	Número de Participantes	Classe Trabalhadora
Colégio Estadual Santo	23	Educadores
Colégio Agrícola Manuel Ribas	19	Educadores
Colégio Estadual Nilo Cairo	16	Educadores

Total	58
--------------	-----------

Fonte: Pesquisa de campo.

Os entrevistados possuem idade média entre 23 e 62 anos, sendo 29,31% com idade entre 23 á 32 anos, os mais jovens; e, 10,34% representa os que possuem idade entre 53 á 62 anos A maior população que respondeu a pesquisa tem entre 43 a 52 anos, como apresenta o gráfico 1.

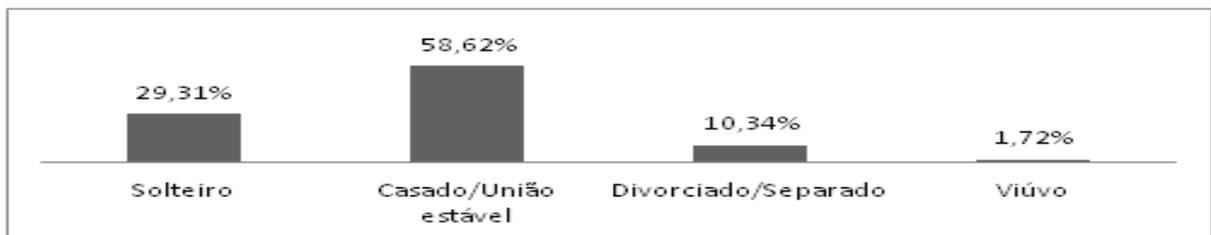
Gráfico 1 – Idade média dos 58 participantes da coleta de dados, 2015:



Fonte: Dados da pesquisa.

Em relação ao estado civil dos entrevistados, nota-se que 58,62% das pessoas que responderam o questionário são casadas, ou possui união estável, esse número representa a maioria da população entrevistada, em segundo lugar estão os solteiros, os divorciados; e, por fim os viúvos, como apresenta o gráfico 2.

Gráfico 2 – Estado civil dos 58 participantes da coleta de dados, 2015:

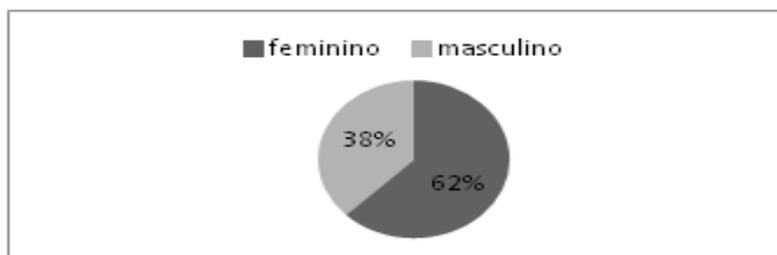


Fonte: Dados da pesquisa.

Quanto a participação dos gêneros, os entrevistados são respectivamente 38% masculino e 62% feminino; a predominância do sexo feminino faz jus ao local da pesquisa, onde as escolas tendem a ser

amplamente frequentada pelo sexo feminino, apresentada no gráfico 3.

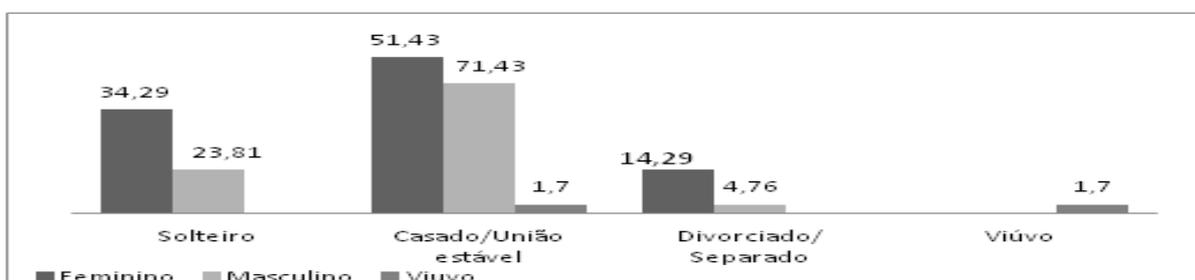
Gráfico 3 – Classificação de gênero dos entrevistados, 2015:



Fonte: Dados da pesquisa.

O gráfico 4 mostra que a maioria dos homens entrevistados 71,43% são casados 34,29% são solteiros, já as mulheres entrevistadas 51,43% são casadas e 34,29% solteiras. Essa comparação entre sexo e estado civil se faz importante, pois a forma com que as pessoas casadas e solteiras lidam com suas finanças são diferente, devido á questões que envolvem família, desejos e objetivos.

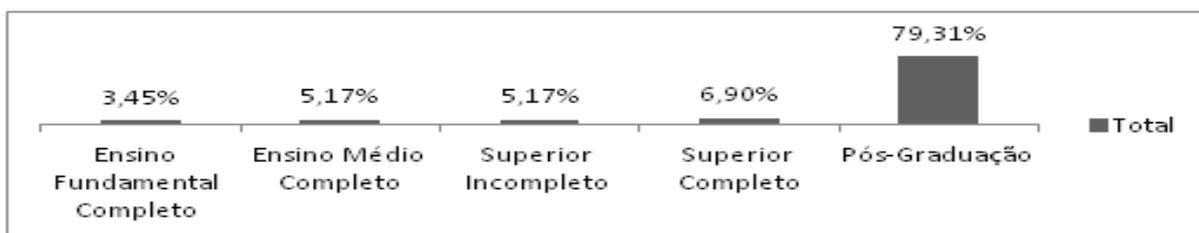
Gráfico 4 – Gráfico comparativo entre sexo e estado civil dos entrevistados, 2015:



Fonte: Dados da pesquisa.

Conforme apresentado no gráfico 5, em relação a escolaridade, 79,31% possui algum tipo de pós-graduação, a escolaridade se faz importante por ser um fator que altera o nível da renda recebido pelo trabalhador; e, permite ao trabalhador melhor discernir o horizonte de suas escolhas, em relação ao aparato de suas informações e escolhas acertadas ao longo de sua atividade econômica.

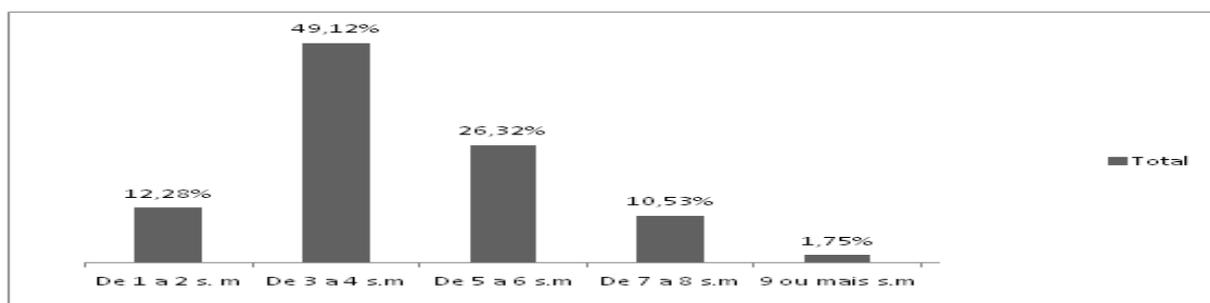
Gráfico 5 – A escolaridade para os 58 entrevistados, 2015:



Fonte: Dados da pesquisa.

A maioria dos entrevistados totalizando 49,12% possui renda média de três a quatro salários mínimos, levando em consideração que o valor do salário mínimo atual segundo o Ministério do Trabalho é de R\$788,00. Comparando a renda em relação à escolaridade do entrevistado; nota-se que, a maioria dos trabalhadores que recebem de 1 a 2 salários mínimos não possuem, ou ainda não concluíram o ensino superior, conforme apresenta o gráfico 6.

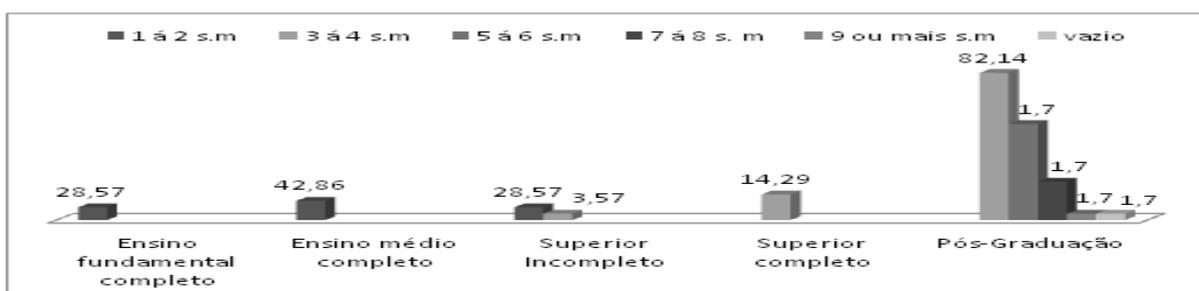
Gráfico 6 - Renda mensal aproximada dos 58 educadores entrevistados, 2015:



Fonte: Dados da pesquisa.

Com a aplicação e análise dos níveis de renda e do questionário socioeconômico, foi possível identificar a classificação econômica dos entrevistados, com destaque para o nível superior e de pós-graduação, como mostra o gráfico 7.

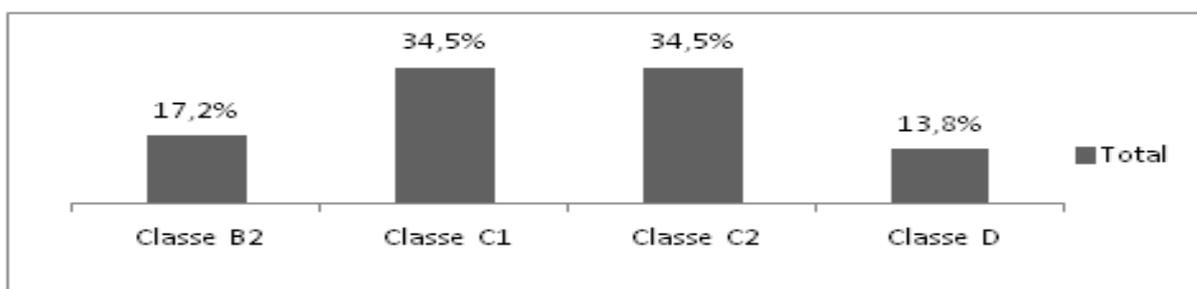
Gráfico 7 – A renda comparada a escolaridade dos educadores entrevistados:



Fonte: Dados da pesquisa.

De acordo com as classes identificadas, a classe C1 e C2 são predominantes e representam 34,5% por classe com renda média que varia de R\$1.147,00 a R\$1.685,00. A classe mais baixa presente é a classe D, composta por 13,8% dos entrevistados com renda média de R\$ 776,00, conforme o gráfico 8.

Gráfico 8 – Resultado da avaliação conforme análise de renda dos educadores:

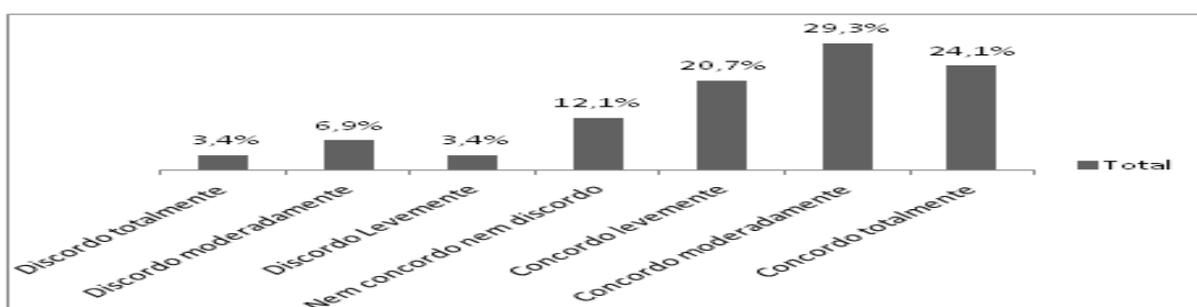


Fonte: Dados da pesquisa.

3.1. AVALIAÇÃO DE INFORMAÇÕES ESPECÍFICAS DOS ENTREVISTADOS

Essa etapa da pesquisa busca avaliar o conhecimento dos entrevistados, considerando seu aparato de informações econômicas; e, procura observar se os entrevistados fazem uso prático dessas informações econômicas. Em relação ao conhecimento de finanças, as respostas apontaram para 53,4% dos entrevistados que indicaram algum conhecimento de finanças, sendo 29,3 moderadamente e 24,1% responderam de forma totalmente positiva, conforme apresenta o gráfico 9.

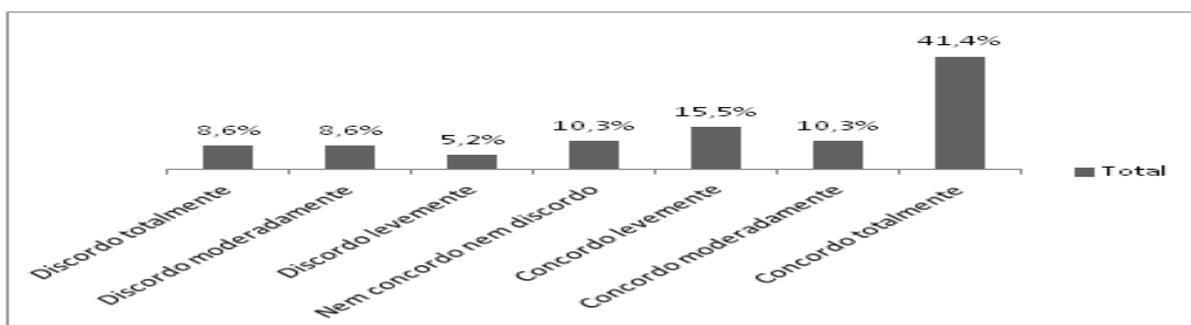
Gráfico 9 – Educadores que indicaram conhecimento de finanças, conforme seus interesses em compra.



Fonte: Dados da pesquisa.

Em relação ao controle financeiro, 41,4% dos educadores entrevistados, indicam que se esforçam pelo controle total, enquanto 25,8%; sendo 10,8% de forma moderada; e 15,5% concordam levemente; estes concordam com a necessidade de controle, mas não se esforçam para exercê-lo; e, enquanto os demais 32,8%, por desconhecimento, ou discordância não se mostram propensos ao controle financeiro, conforme apresenta o gráfico 10.

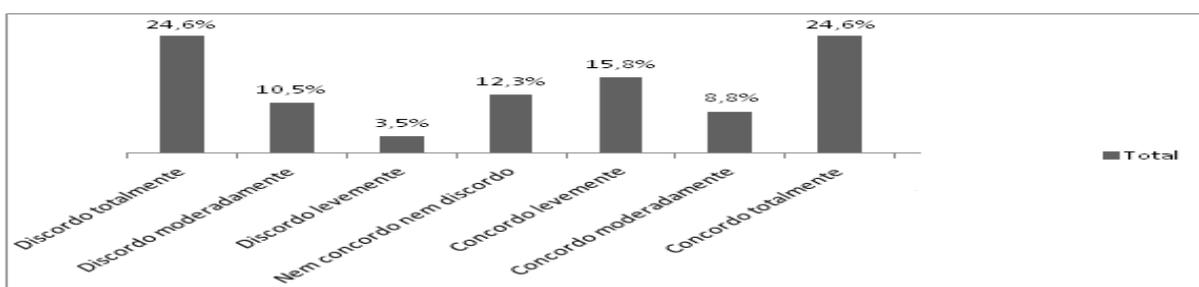
Gráfico 10 – Educadores que indicaram fazer uso de controle financeiro:



Fonte: Dados da pesquisa.

As respostas em relação ao uso do controle financeiro tendem a não ser positivas, pois mais de 58,6% dos entrevistados responderam essa questão de forma negativa ou duvidosa (gráfico 10). Em época de crise, com retração da renda, poupança e investimentos demandam maior rigor e equilíbrio financeiro, nas finanças pessoais. Entretanto, somente 33,4%, indicaram realizarem investimentos, sendo 24,6 de forma total e 8,8% de forma ocasional; enquanto os demais 66,6 tendem ao não investimento, ou por falta de disposição e vontade, ou porque discordam da necessidade de uma postura de investimentos futuros, é o caso de 24,6%, conforme apresenta o gráfico 11.

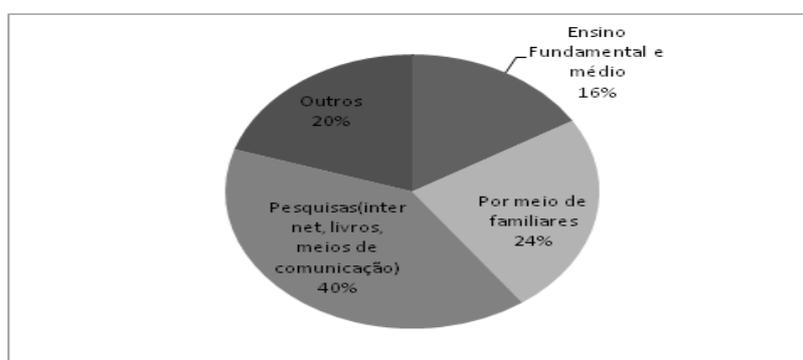
Gráfico 11– Educadores que realizam mensalmente investimentos financeiros, 2015:



Fonte: Dados da pesquisa.

Uma importante ferramenta de avaliação é indagar de onde vem o conhecimento financeiro dos educadores? Neste quesito alguns realizaram cursos técnicos, como de contabilidade, ou técnico em administração, é o caso de 16% deles; os maiores volumes de respostas vieram por meio de pesquisas realizadas por iniciativa própria (autodidata), como por meio de livros da área, internet e comunicação em geral 40%, conforme apresenta o gráfico 12.

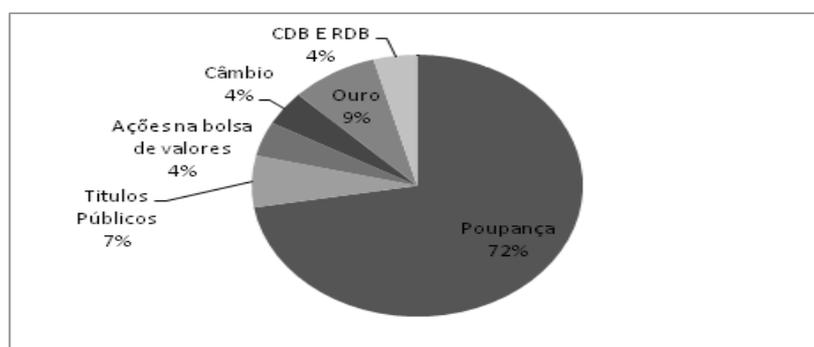
Gráfico 12 – Educadores e a obtenção de conhecimentos financeiros, 2015:



Fonte: Dados da pesquisa.

Daqueles 33,4% que realizam investimentos frequentemente, ou casualmente, onde está a disposição de aplicação de seus dividendos? como identificamos que a classe C é a maioria dos educadores entrevistados, identificou-se que a poupança é a modalidade de aplicação que recebe a maior parte dos recursos com 72% das preferências, conforme apresenta o gráfico 13.

Gráfico 13 - Meios de investimentos mais preferidos pelos educadores, 2015:



Fonte: Dados da pesquisa.

4. Conclusão

Ao analisar a classe social dos indivíduos entrevistados apesar da existência de um vago conhecimento sobre finanças demonstrado por um pequeno percentual da amostra, há uma falta significativa no que diz respeito ao autoconhecimento financeiro e no uso de ferramentas que possibilitam um melhor controle das finanças pessoais. Pode-se dizer que existe certa carência em relação à educação financeira.

Nesse caso faz-se importante a intervenção nessa questão com o intuito de educar financeiramente os indivíduos, possibilitando um nível mais alto de conhecimento e um melhor desempenho em relação à diminuição do endividamento das famílias; melhora significativa no planejamento financeiro e elevação dos níveis de investimentos. Uma forma de positivamente intervir é criar programas e projetos de extensão nas universidades, como intuito educar financeiramente crianças, jovens e adultos; para o uso da economia doméstica e suas ferramentas no cotidiano dos indivíduos, esteja cada vez mais presente na vida dos indivíduos e os auxilie em suas tomadas de decisões e trajetória financeira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABEP - **Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa**. 2003. Disponível em: <<http://www.abep.org>>. Acesso em: 08 Abril 2014.

BARON, R.A.; SHANE, S.A. **Empreendedorismo: Uma Visão do Processo**. São Paulo. Editora Thomopson Learning. 2007.466p.

EKER, Harv. T. **Os Segredos da Mente Milionária**. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2006.112p.

FRANKENBERG, Louis. **Seu futuro financeiro: você é o maior responsável**. 13ª Edição. Rio de Janeiro, 1999. 417p.

IPEA- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Justiça Tributária: Iniquidade e Desafios**. POCHMANN, M. 2008. Disponível em: <g1.globo.com>. acesso: 15 abril 2014.

KAMAKURA, A.W; MAZZON, A.J. **Estratificação Econômica e Consumo no Brasil**. 1ª edição. Editora Bluncher. 2013.

LAKATOS, M.E.; MARCONI, A.M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7ª. edição, São Paulo, Editora Atlas. 2010.

SCHUMPETER. A.J. **A Teoria do Desenvolvimento Econômico**. São Paulo, Nova Cultural (Os Economistas). 1988.